



**A SUB-EXISTÊNCIA DA PESSOA HUMANA E O OLHAR PARA O DIVINO**

*Graça Castell*

[graca.castell@bol.com.br](mailto:graca.castell@bol.com.br)

**Brasília-DF**

**2006**



*Graça Castell<sup>1</sup>*

[graca.castell@bol.com.br](mailto:graca.castell@bol.com.br)

### **Resumo**

Segundo Pascal, (...) os que vivem no desregramento dizem aos que vivem na ordem que são estes que se afastam da natureza, e julgam segui-la: como os que estão num barco julgam que os que estão na margem fogem. A linguagem é semelhante em toda parte. É preciso ter um ponto fixo para julgar. O porto julga os que estão no barco, mas onde conseguir um porto na moral?<sup>2</sup>

**Palavras-Chave:** Natureza – Linguagem – Julgar – Moral

### **A Pessoa Humana**

A existência humana nesta terra, para Pascal, é paradoxal. Paradoxal porque muda de condição e de qualidade se colocada em relação com dois extremos opostos. Existe um dualismo presente em todas as coisas. São os aspectos contrários entre, por exemplo, quente-frio, devagar-depressa, noite-dia, que nos levam à visão de uma natureza cindida, da existência de uma contradição primordial. A busca pela superação desta contradição nos levou a formular uma série de teorias, que quando aceitas, nos trazem de volta ao bem estar e ao terreno seguro e constante do Ser.

Não nos é mais cômodo aceitar a filosofia bem resolvida do Ser platônico do que o mundo em transição, exposto de forma obscura por Heráclito de Éfeso? O homem sempre igual a si mesmo não é superior, segundo a tradição, ao homem como medida, que perante o devir pode tanto ser como não ser?

---

<sup>1</sup> Mestrado em Filosofia na USP/95 e Doutorado na USP/98, em Ciências Sociais.

<sup>2</sup> Blaise Pascal, 1973, Pensamento, 383.



Nos pensamentos de Pascal, a condição humana é colocada em relação: ele tanto pode ser como não ser. O tema de dois extremos opostos aparece em várias passagens dos Pensamentos, mas há um momento em que Pascal, (1973, p. 383) analisando a desproporção do homem, dirá: “o homem é nada em relação ao infinito, tudo em relação ao nada”. À primeira vista, esta proposição pode parecer ir contra a tradição filosófica ocidental, que diz que o ser não pode existir juntamente com o não-ser, ou o que o ser pode ao mesmo tempo ser nada. Mas, se vista à luz do resto dos Pensamentos, ou da conversão religiosa de Pascal depois de um acidente, ela demonstra ter um caráter brilhante. Em primeiro lugar, devemos ter presente à definição de condição humana, o ataque violento empreendido por Pascal à arrogância e vaidade humanas. Para Pascal, o homem é este ponto intermediário entre o tudo e o nada, ponto este não linear, mas pertencente à estrutura interna, psicológica do homem, vivendo em meio a estrutura maior do universo. Para Pascal, é impossível ao homem conhecer a verdade, pois esta exige o conhecimento dos dois extremos.

O ser humano não percebe que é um animal deslocado perante a imensidão da natureza, e esta não lhe é concedido conhecê-la nem de maneira mais vaga. O homem está deslocado justamente por causa do seu odiável e tirano eu, que de forma irreal, se coloca como o centro do mundo, para poder construir o mundo perceptivo e social visto através de sua perspectiva. O eu não é em si, mas algo criado. Em Pascal existe uma distinção entre o eu e o amor próprio. A comunidade reprime o amor próprio, os impulsos e a vontade, e este se pretende o centro, pretende sujeitar os outros a si. Ao fazer-se centro eu procura destruir todos os outros *eus*, que são tomados como seus inimigos. O eu é uma declaração de guerra de um homem separado da natureza.

Ao contrário do homem, o animal ou a árvore não estão extraviados da natureza, eles não se sabem no mundo, não pensam de forma a se desprender da natureza: eles apenas são no seio dela. É do amor próprio e do eu amar apenas a si, como diz Pascal no pensamento



100, mas o homem e o seu eu não pode deixar de se perceber como um ser imperfeito, que “quer ser grande, mas acha-se pequeno, quer ser feliz e acha-se miserável.” Para manter seu amor ao eu, o homem tem de inventar inúmeros mentiras e disfarces. O caráter intrínseco do eu e da personalidade humana, é, portanto, hipocrisia e enganação.

O tema do eu na filosofia ganha tratamento específico a partir de Descartes. Pascal no desenvolvimento do seu próprio pensamento filosófico, e especialmente depois de sua conversão ao cristianismo, Pascal se põe numa posição francamente contrária à orientação racionalista dada por Descartes. É no mesmo pensamento 72, que ele declara abertamente: “*Descartes: inútil e incerto*”.

Pascal julga pretensioso o projeto que Descartes concebeu num *insight*, numa noite de inverno, de dar os alicerces da construção de uma ciência universal. Pascal não pode perdoar Descartes, que por meio de sua dúvida metódica, reduziu o mundo a uma dimensão quase solipsista, até chegar à primeira verdade: o eu é uma coisa que pensa. Pascal condena tanto o uso de Deus em Descartes - que serviria “apenas” para objetivar o mundo -, quanto o eu apenas racional, puro pensamento. Descartes, diz Pascal, bem poderia passar sem Deus, mas usou-o somente quando precisou Dele para que se resolvesse a dicotomia sujeito-objeto, ao fim do quê, jogou-o fora novamente. Para Descartes, Deus era um ser bondoso, mas apesar disso não se pode deixar de notar que um cristão tente a ver com desconfiança a suspeita de Descartes contra um possível Deus Enganador.

Embora Pascal releve importância fundamental ao pensamento, seu eu está bem longe da concepção de cogito cartesiano, que é a condição primeira para a existência, e, portanto do saber humano (no que diz respeito ao contexto específico das meditações empreendidas pelo pensador). O homem garante este primeiro saber na medida em que o *cogito* é garante verdade toda vez que pronunciado em seu espírito. Talvez um ponto que aproxime Descartes e Pascal é a busca de um ponto fixo, de maneiras diversas.



Em Descartes, o ponto fixo é a busca desta verdade primeira, sob a qual se pode erguer o edifício das ciências, que resultou no cogito. Em Pascal, como explica no pensamento 383, o ponto fixo está ligado à busca de princípios morais fixos, uma vez que o eu está sempre em movimento, às paixões do homem o levam a ver as coisas de diferentes formas, e a própria condição humana o leva a aceitar a verdade mesclada com falsidade. A natureza do homem é movimento, fluxo, só os mortos permanecem em repouso. E como achar, diz Pascal, “(...) um ponto fixo para julgar. O porto permite julgar o movimento da questão no barco, mas como achar um porto na moral?”

O tema do ponto fixo aparece na época renascentista e moderna em diversas áreas do saber humano quando a situação confortável do homem no mundo cai. Como o eu de Pascal, e talvez por causa dele, a Terra ocupava, segundo os dogmas cristãos, a privilegiada posição de centro do universo. Também na física aristotélico-tomista, o geocentrismo prevalecia, e havia a noção do universo como cosmos, ou seja, um mundo finito e ordenado. Embora filósofos como Aristarco de Samos e Nicolau da Cusa tivessem defendido o heliocentrismo, foi somente a partir da infinitização herética de Giordano Bruno e do tratado das revoluções celestes de Copérnico – cujo tema foi desenvolvido depois por Galileu – que estas noções milenares vieram a cair. Isto viria a constituir, no dizer de Freud, a primeira ferida egocêntrica da humanidade. Este fator e outros, como o salto tecnológico, comercial, urbano e científico, a noção de individualidade medieval não era mais adequada. Praticamente, a noção de eu enquanto sujeito não existia na Idade Média, o homem estava sujeito à coletividade.

Perdendo sua posição privilegiada, de senhor do mundo e do universo, feito a imagem e semelhança de Deus, o homem se vê sozinho e desamparado sob o universo infinito, que por ser infinito passar a ser também incerto, sem verdades absolutamente válidas. Se para Descartes o cogito é como a alavanca de Arquimedes que permite mover o mundo, para Pascal o ponto fixo é um ponto de vista que adequado para refletir sobre a verdade e o



mundo. É um ponto que lhe permite refletir sobre sua situação paradoxal, e um ponto de equilíbrio entre os dois extremos.

Qualquer movimento em direção a um dos contrários é um movimento perigoso, que afasta do outro. Logo, a questão do equilíbrio passa a ser crucial. Este ponto de equilíbrio não é intermediário, mas sim o princípio de alheamento que proporciona a conciliação entre os dois extremos; mesmo sem eles deixarem de existir, o ponto de equilíbrio oferece a posição necessária para o homem refletir sobre sua condição a partir de seu próprio conflito.

Este ponto é dado pela religião, quando o homem reconhece sua miséria, e por isso torna-se grande. Admitindo Deus e Jesus Cristo como o centro e a razão de todas as coisas, o homem encontra consolo e repouso para sua alma. Somente em Deus os dois extremos se unem, convergem como num círculo. Porém, para conhecer Deus, o homem deve primeiro saber-se nada. Sabendo-se nada, torna-se tudo. É este o segredo que o fino moralismo de Pascal guarda o de que, ao livrar-se de sua máscara que a arrogância, o amor e o ódio ao eu produzem, o homem consegue achar uma solução para a tensão entre os dois contrários. Mas Deus não é conhecido pela razão. O espírito geométrico não ocupa a totalidade do espírito, o sentimento, com efeito, é mais presente do que o raciocínio. É por uma faculdade específica humana, um tipo de inteligência imediata e intuitiva, chamada coração – no conceito pascalino – que é permitido ao homem a compreensão de que Deus existe e das verdades reveladas. O coração, diz Pascal, tem razões que a própria razão desconhece, e é ele quem permite perceber a conciliação entre os dois infinitos: a de que Jesus é o mediador entre o finito e o infinito. Pascal aponta a debilidade da razão: mesmo na geometria, o axioma é uma verdade intuitiva, e indemonstrável, ou seja, tão clara que é o coração que a conhece.

Assim, está na religião, pelo menos o consolo para a verdade de que o homem, ser transitório, não passa de folha ao vento. Barco navegando sem rumo pela imensidão do mundo, julgando ser verdade que é o mundo relativo a ele, e não ele em relativo ao mundo,



criando seu próprio centro com o auxílio frágil do eu e da razão, um sendo uma mentira, a

outra, frágil demais para conhecer a verdade. Ou como nos conta Pascal:

O maior filósofo do mundo, sobre uma tábua, por mais larga que seja se houver embaixo um precipício, embora a razão o convença de sua segurança, a imaginação prevalecerá. Muitos se quer, poderiam pensar nisso sem empalidecer (...). Quem não sabe que a visão dos gatos e dos ratos, o esmagamento de um carvão põe a razão fora dos eixos? (1973, p. 389).

A religião, através da igreja e da vida cristã, proporciona a fusão entre sujeito e objeto. A relação com Cristo dissolve o Eu. No pensamento 336 Pascal nos lembra que a conduta moral deve sempre lembrar o dever de conduzir bem o pensamento, atingindo um pensamento oculto. Isto significa que a verdade é complexa, feita de elementos múltiplos e discordantes. Nunca devemos nos esquecer desta verdade. Na moral de Pascal, existe, devido à esse caráter complexo, uma procura de uma prática da anatomia moral, que busca o funcionamento secreto das paixões.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DESCARTES, René. *Descartes*. Volume da coleção Os Pensadores, vários livros. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1996.

LEBRUN, Gérard. *Pascal* Coleção Encanto Radical. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MARTON, Scarlett. *Pascal: a busca do ponto fixo e a prática da anatomia moral*, in Revista Discurso nº 24. Discurso Editorial, São Paulo, 1994.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos* in Os Pensadores, volume XVI, São Paulo: Editora Abril Cultural. 1973.